

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2010

Mercado Romano, a Tenda Pedagógica, o Acampamento Militar. 13 ruas transformadas em mercado proporcionaram uma oferta de produtos da região no tempo dos Romanos. Por sua vez o acampamento militar, montado no Largo do Paço, quis dar a conhecer o quotidiano dos soldados da legião romana.

Na notícia que dedicou à iniciativa, o *Público* de 28 de Maio salientava: ‘Um dos momentos altos da recriação histórica acontece esta noite, com o maior desfile do evento, que se inicia na Avenida Central em direcção à praça do município. Centenas de figurantes trajados a rigor vão acompanhar o imperador e o administrador da província numa saudação à população’. Além da parte lúdica, inclusiva de toda a cidade, o evento integrou, como actividades marcadamente culturais, a apresentação de dois livros: ‘*Bracara Augusta*, sobre a história da cidade, da autoria de Rui Morais, e *Titus e os Legionários*, uma versão juvenil, ilustrada por César Figueiredo.

MARIA DE FÁTIMA SILVA

BRACARAUGUSTA DE RUI MORAIS APRESENTAÇÃO DE M. HELENA DA ROCHA PEREIRA

Em 1959, a Câmara Municipal de Braga editou, pela primeira vez, uma obra ilustrada, com apêndices em francês e em inglês, de um *Guia de Braga. Arte e Turismo*, no qual figurava um capítulo, da autoria de Sérgio da Silva Pinto, sobre ‘Braga Romana’.

Muito se avançou, neste meio século decorrido, no conhecimento do passado de Bracara Augusta. E um momento marcante nessa evolução foi sem dúvida a criação do Campo Arqueológico de Braga, em 1976, dirigido por Francisco Alves, a que se sucedeu a vinda de arqueólogos treinados nas novas técnicas, em constante evolução.

Nessa altura, principiava a existir o suporte institucional indispensável à execução de tão grande projecto, a Universidade do Minho, criada, como todos sabem, em 1973, embora mantendo-se em regime de instalação até ao final de 1981. Entre as suas unidades culturais constava a de Arqueologia, destinada a apoiar programas de investigação, com vários projectos, entre os

quais se destacava o de Bracara Augusta. Ora essa área já em 1984 começa a editar, em colaboração com o Museu D. Diogo de Sousa, a revista *Cadernos de Arqueologia*, bem como a série das *Monografias*. Era então presidida pelo Doutor Francisco Sande Lemos, ao qual sucedeu, ainda na mesma década de 90, a Doutora Maria Manuela Martins, que viria a publicar, em 2000, em edição bilingue, o primeiro roteiro da urbe antiga, intitulado *Bracara Augusta cidade romana*.

Alguns anos depois, em 2005, o actual Museu D. Diogo de Sousa é inaugurado na sua nova e atraente forma, e dado à estampa o respectivo Roteiro, com magnífica apresentação, a ilustrar os textos dos seus nove autores, muitos dos quais se têm dedicado ao estudo da região. No capítulo inicial, a Directora fala mesmo, com toda a razão, de ‘revitalização do Museu’ e da sua ‘forte ligação’ à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Entre os colaboradores desta obra figurava já o autor do novo livro que me proponho apresentar e que justamente acabava de se doutorar na mesma Universidade, com a tese *Autarcia e comércio em Bracara Augusta* – trabalho que, diga-se de passagem, acaba de ser publicado em versão inglesa, na colecção *British Archaeological Reports* (Oxford 2009).

Vale a pena atentar, por um momento, na invulgar preparação científica de que Rui Morais já então usufruía: um ano de estudos na Universidade de Atenas; outro na de Pisa; conclusão do mestrado em História, na variante de Arqueologia, em 1997, na de Coimbra. Aí defende a tese de mestrado, *As ânforas da zona das Carvalheiras*, tendo como orientador o grão-mestre da nossa Arqueologia, Prof. Doutor Jorge de Alarcão. Dez anos depois, já doutorado, conforme referimos, apresenta-se a provas de agregação, também na Universidade do Minho, com uma lição-síntese com o título promissor de *Unidade e diversidade cultural: o Latim como veículo de expressão privilegiado dos oleiros e o caso paradigmático da cerâmica bracarense face aos modelos provinciais*. E digo ‘promissor’, porque este trabalho prenuncia já um alargamento de horizontes no seu campo de estudos. Outros escritos apontam noutras direcções, entre os quais destaco os que se inclinam para a arte, como *Utopia e diálogo na Arte Grega* (Lisboa 2009) ou para grandes figuras da cultura artística portuguesa, como *Um caso exemplar: Cenáculo e o colecionismo no Portugal de Setecentos* (Lisboa 2009).

Note-se, a este propósito, que Rui Morais se tem interessado sobremaneira pela arte helénica, e em particular pelos vasos gregos, e não posso deixar de agradecer a sua incansável colaboração no meu estudo sobre

a colecção existente no Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, bem como sobre a colecção de João Allen, pertencente ao Museu Nacional de Soares dos Reis.

Mas as áreas fundamentais da sua actividade têm recaído sobre o estudo das lucernas romanas (basta recordar a sua monografia sobre *A colecção de lucernas romanas do Norte de África no Museu D. Diogo de Sousa* (2008) e sobre o de Braga romana). Desta última merece especial destaque, pela sua novidade, o ‘Breve ensaio sobre o anfiteatro de Bracara Augusta’, publicado na revista *Forum*, em 2001. E a razão principal da importância deste trabalho é a revelação da sua descoberta da existência dessas ruínas. É que se, nessa mesma revista, viria a ser dada notícia, em 2006, por Manuela Martins, J. Ribeiro e F. Magalhães, da descoberta do teatro romano, feita no âmbito do *Projecto de salvaguarda de Bracara Augusta* em 1990, estoura, a do anfiteatro, é da autoria do próprio Rui Morais, quando estudante de mestrado, em 1994-5, e feita nas circunstâncias que ele mesmo agora descreve:

‘O anfiteatro foi por nós devidamente situado graças ao cruzamento das informações escritas, dos dados cartográficos e das fotografias aéreas mais antigas’.

E cita a seguir essas referências literárias: as do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha e as de Jerónimo Contador de Argote.

E aqui está um dos exemplos mais representativos do modo de trabalhar de Rui Morais: o recurso aos dados de autores dos sécs. XVII e XVIII, sempre que tal se mostra fidedigno e convincente. Deste modo, os cronistas modernos se vêm juntar aos escritores gregos e latinos nesta difícil reconstituição do passado.

Desnecessário será acrescentar que as obras deste nosso arqueólogo são numerosas. Contam-se por muitas dezenas as que figuram em actas de congressos nacionais e internacionais, ou em artigos de revistas científicas, nacionais e estrangeiras, ou ainda em capítulos de livros editados no País, em Espanha e em Inglaterra.

A essa produção regular vem agora juntar-se o livro que me proponho anunciar, *Bracaraugusta*, uma obra com rica documentação iconográfica, a que não faltam os múltiplos exemplos epigráficos e até os textos literários que ajudam a presentificar a vida de uma urbe com dois milénios.

Como se sabe, é sempre muito difícil reconstituir a história de uma cidade habitada sem descontinuidade, e por vezes só a conjugação de dados permite reencontrar os seus lugares principais. É o que sucede, por exemplo,

em relação ao *forum*, onde um fragmento de uma estátua equestre, com uma inscrição reconhecível e relacionável com a história familiar do primeiro Imperador Romano, e a presença, nas cercanias, de grandes bases de colunas e de capitéis apontam para a existência de um templo octastilo nesse lugar e se conjugam com dados da historiografia local desde o séc. XVIII.

É particularmente sugestiva a maneira como o livro nos é apresentado: desde o ritual solene da fundação, entre 16 ou 15 a.C. e da sua refundação, uns dez anos depois, até focar sucessivamente os mais diversos aspectos da vida de uma cidade: administração dos bens públicos, abastecimento de água, transportes, rede viária, indústria, comércio, numismática e sua relação com a política, a religião, sem esquecer uma área muito significativa: a difusão da literacia. À ‘Arquitectura do Divertimento’ já nos referimos, a propósito da descoberta do teatro e do anfiteatro.

Outros dados de particular interesse são os que resultam de uma identificação que o Autor fez de uma pequena imagem de bronze, encontrada na Colina do Alto da Cidade, com uma *Tyche* de Bracara Augusta. Trata-se, portanto, de uma figura miniatural, mas afim, pelo tema, daquela que surgiu na época helenística, com a representação, por Eutíquides, da *Tyche* de Antioquia. Que a ideia de representar cidades desta forma tem continuidade, sabem-no todos os que já contemplaram as estátuas monumentais das maiores cidades francesas, a darem a volta à Praça da Concórdia, em Paris.

Não pode deixar de se assinalar o constante recurso a trechos literários de autores gregos e romanos que fundamentam e esclarecem o significado dos objectos em discussão. Sempre em tradução portuguesa, são citados historiadores como Tito Lívio, Tácito e Suetónio; prosadores, como Cícero; poetas, como Lucrécio, Horácio e Ausónio; tratadistas, como Varrão e, sobretudo, Vitruvius e Plínio-o-Antigo; e ainda os gregos, como Estrabão e Plutarco.

Outro atractivo desta obra é o encanto de uma prosa expositiva ao mesmo tempo fluente, elegante e natural, própria para cativar os leitores, quer sejam especialistas, quer simples curiosos das coisas do passado. Até o último capítulo, encimado por um título proveniente de uma fórmula de estelas funerárias, serve para fornecer dados sobre as práticas dos habitantes da cidade romana de outrora em relação ao Além. Trata-se do rico espólio de uma sepultura descoberta no Largo de Carlos Amarante, a qual permite reconstituir, com grande margem de segurança, alguns hábitos da primeira metade do séc. II d. C. Para tal se transcrevem os textos de um folheto que acompanhava uma exposição itinerante organizada e descrita pela arqueóloga

Dra Manuela Delgado. Aí se pode encontrar uma sugestiva enumeração de práticas sociais do mundo antigo.

Também será instrutivo lembrar que a mesma distinta arqueóloga acabada de referir, e a quem este livro é dedicado, tem um passado de activa colaboração científica com o Doutor Rui Morais. Assim, os dois escreveram e publicaram em conjunto, no mesmo ano de 2009, um notável *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Sobre um e outro destes especialistas se pronunciam, em notas preambulares desta obra, a directora do Museu D. Diogo de Sousa, Dra Isabel Silva, e a antiga directora do Museu Monográfico de Conimbriga, e depois do Museu Nacional Machado de Castro, Dra Adília Alarcão, com a competência e autoridade que lhes são próprias. Neste contexto, apraz-me realçar, para além do valor atribuído ao trabalho científico em causa, o perfil que de ambos é traçado, quer quanto à dedicação e perseverança na investigação, quer quanto à lealdade e imparcialidade com que discutem as suas teorias. É num ambiente assim que se gera, entre todos os que trabalham em conjunto e os que com eles aprendem, um espírito de equipa que deve ser apanágio – mas infelizmente nem sempre é – de todo o verdadeiro cientista. Não menos significativa é a lealdade com que os dois autores distinguem, na ‘Nota prévia’, a participação de diversos estudantes do mestrado que com eles trabalharam neste guia. Também sob esse aspecto, estamos perante um modo de actuação tão raro como modelar. É com prazer que pomos em evidência estas qualidades, as quais igualmente sobressaem no presente guia de *Bracara Augusta*.

Também me é grato salientar que diversas iniciativas oficiais têm permitido que esta famosa cidade romana – ‘a opulenta Braga’, como lhe chamou o poeta latino Ausónio, no séc. IV da nossa era, ao catalogá-la entre as principais urbes ilustres de então – preserve e recupere uma parte do seu património de outrora: são essas o Campo Arqueológico de Braga (1976); a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho; o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal (1992); e ainda o Projecto de Salvamento de Bracara Augusta (1999) e, num lugar à parte, o Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa.

‘Quem não sabe História é sempre criança’ e ‘a História é mestre da vida’ – escreveu Cícero há mais de dois mil anos. É com gosto que podemos verificar que os herdeiros do património cultural de Bracara Augusta sabem reconhecer a validade destes princípios.

M. H. ROCHA PEREIRA